

Grande Sertão: Sem Veredas

Considerações acerca da violência, a partir de uma leitura de *Os Sertões*, de Euclýdes da Cunha

Ibis Silva Pereira

Pós-graduado em Filosofia pela PUC-Rio e Diretor da Escola Superior da Polícia Militar

Resumo

Em todo o Brasil, 2009 foi marcado pelas comemorações do centenário da morte de Euclýdes da Cunha, autor de uma das mais importantes obras do pensamento social brasileiro: *Os Sertões*. Obra que amalgama ciência e literatura, permite, em certa leitura, uma compreensão do fenômeno da violência, para além dos esquemas cientificistas e darwinistas que de algum modo a dataram. Ao trazer essa abordagem para o debate contemporâneo sobre a violência, poderemos contribuir para uma crítica substancial da ordem social estabelecida, bem como de nossas instituições.

Palavras-Chave

Euclýdes da Cunha, violência, sociedade, *Os Sertões*, crítica

“Um clássico é um livro que vem antes dos outros; mas quem leu antes os outros e depois lê aquele, reconhece logo o seu lugar na genealogia.”

Ítalo Calvino (1923-1985)

Um estilista intérprete do Brasil

O ano de 2009 foi marcado em todo o Brasil pelas comemorações do centenário da morte de Euclides da Cunha¹, autor de uma das mais importantes obras do pensamento social brasileiro: *Os Sertões*.

Em síntese, *Os Sertões* é a narrativa poética de um acontecimento lancinante da nossa nacionalidade, que ficou conhecido como *a Guerra de Canudos*. Canudos foi um arraial localizado no sertão da Bahia, onde se reuniu no final do século XIX um movimento milenarista – liderado por um místico religioso chamado Antônio Vicente Mendes Maciel (*Antônio Conselheiro*) –, debelado pelas forças republicanas, à conta de valhacouto monarquista.

Ao fim e ao cabo das hostilidades restaram apenas quatro defensores irredutíveis da “cidadela-mundéu”: dois homens, um velho e um menino, cujos últimos momentos foram retratados por Euclides em passagem co-movente e memorável.

Canudos não se rendeu. Exemplo único em toda a nossa história, resistiu até o esgotamento completo. Expugnado palmo a palmo, na precisão integral do termo, caiu no dia 5, ao entardecer, quando caíram os seus últimos defensores, que todos morreram. Eram quatro apenas: um velho, dois homens feitos e uma criança, na frente dos quais rugiam raivosamente cinco mil soldados. (CUNHA, 2004, p. 778)

A campanha de Canudos foi, na verdadeira acepção da palavra, uma chacina; uma guerra de extermínio movida pela novel República, sequiosa em consolidar-se, contra uma população de desvalidos, relegados à margem da história.

Ao enfatizar a situação de excluídos do processo civilizador, na medida em que os membros da comunidade de Canudos foram retratados como “compatriotas retardatários” desse processo, Euclides ofereceu um mote interessante, a partir do qual é possível pensar a questão da violência: o ponto de vista da alteridade.

No presente opúsculo, pretendemos, inicialmente, rememorar um pouco da vida e obra desse insigne intérprete do Brasil, a fim de deslindar a atualidade de seu pensamento. Em seguida, tentaremos argumentar que uma certa leitura de *Os Sertões* permite uma compreensão do fenômeno da violência, para além dos esquemas cientificistas e darwinistas que de algum modo dataram essa obra maior.

A ideia que pretendemos esboçar nesse sobrevoio pelos *sertões euclidianos* é a seguinte: *é possível compreender a violência como o resultado da negação das condições sociais de produção da subjetividade.*

¹

Optamos por escrever o nome de Euclides com y, respeitando a grafia original.

Essa apropriação inusitada da narrativa euclydiana estaria muito próxima, ao nosso sentir, da perspectiva esposada pelo sociólogo francês Michel Wieviorka, no ensaio *Para compreender a violência: a hipótese do sujeito*, texto que integra a coletânea *Em que mundo vivemos* (2006) e que servirá de base para nossas reflexões.

Desde já, queremos alertar o leitor de que não se trata de propor aqui nenhuma teoria da violência, pretensão que os limites estreitos deste estudo não comportam, tão-somente pretende-se sugerir uma possibilidade de leitura de *Os Sertões* que reafirme sua posição de grande clássico das letras e do pensamento brasileiro, sinal da veracidade das palavras de Ítalo Calvino que nos serviram de epígrafe.

Esboço biográfico

Euclides Rodrigues Pimenta da Cunha, filho de Manuel Rodrigues Pimenta da Cunha e de Eudóxia Moreira da Cunha, nasceu no dia 20 de janeiro de 1866, na fazenda Saudade, município de Cantagalo, então província do Rio de Janeiro.

Ao contar 19 anos, Euclides ingressa na Escola Politécnica, a fim de estudar engenharia. É provável que dificuldades financeiras o tenham feito desistir do curso. Em 20 de fevereiro de 1886, assenta praça na Escola Militar da Praia Vermelha. Em 1891 conclui o curso de engenharia militar, na Escola Superior de Guerra.

Em 1896, Euclides da Cunha deixa o Exército e segue para São Paulo, sendo nomeado engenheiro-ajudante de primeira classe da Superintendência de Obras Públicas. Em novembro irrompe o movimento de Canudos.

Em 14 de março de 1897 publica no *Estado de São Paulo* a primeira crônica sobre o movimento de Canudos, com o título de *A Nossa Vendeia*². Em 17 de julho vem a lume a segunda crônica, com esse mesmo nome. Diante disso, o jornal *O Estado de São Paulo* não teve dúvidas em selecionar o correspondente que mandaria ao teatro de operações para a cobertura da campanha. A série de reportagens que produziu é o núcleo de *Os Sertões*.

O contato direto com a realidade de Canudos leva Euclides, progressivamente, a mudar seu ponto de vista inicial quanto à natureza da refrega, chegando a produzir um texto que é uma verdadeira denúncia contra a violência desmedida conduzida pelo Estado republicano contra uma população de infelizes.

A campanha de Canudos terminou no final de 1897. *Os Sertões* chega às livrarias em dezembro de 1902. O sucesso estrondoso da obra torna Euclides conhecido e respeitado em todo o país, com três edições publicadas entre 1902 e 1909.

Em 1905, Euclides da Cunha é nomeado pelo Barão do Rio Branco chefe da Comissão do Alto Purus, uma expedição destinada a precisar os limites territoriais entre o Brasil e o Peru. Euclides permanece quase um ano na Amazônia.

No dia 15 de agosto de 1909, Euclides da Cunha foi morto num duelo com Dilermando de Assis, por razões passionais, na casa de número 214 da Estrada Real de Santa Cruz, estação da Piedade. Euclides deixou três filhos.

2

Uma alusão ao movimento conhecido como Vendeia, região francesa onde, em 1793, o recrutamento forçado para o Exército foi o estopim de uma revolução que aliou a Igreja e os camponeses contra a República recém-instaurada.

Em vida, Euclides da Cunha lançou apenas mais duas obras: *Contrastes e Confrontos* e *Peru Versus Bolívia*, ambas em 1907. *Contrastes e Confrontos* é uma coletânea de artigos escritos para a imprensa e reunidos em livro. *Peru versus Bolívia* é um longo ensaio escrito a pedido do Barão do Rio Branco, acerca de uma controvérsia de fronteiras entre esses países.

As obras póstumas de Euclides da Cunha são as seguintes: *À Margem da história* (1909); *Canudos – Diário de uma Expedição* (1939), reeditado, posteriormente, com o título de *Canudos e Inéditos* (1967); *O Rio Purus* (1960); *Obra Completa* (1966); *Caderneta de Campo* (1975); *Um Paraíso Perdido* (1976); *Canudos e Outros Temas* (1992); *Correspondência de Euclides da Cunha* (1997); *Diário de uma Expedição* (2000) e *Poesia Reunida* (2009) – obras reunidas e publicadas a partir do inventário intelectual do autor.

O enraizamento como questão vital

Desde que Martin Heidegger (1889-1976) publicou *Ser e Tempo*, sabemos que o mundo do homem é um *mundo compartilhado*; o homem é *ser-no-mundo*, o que significa dizer que a condição do homem é essencialmente dramática³. E porque é um drama, a vida do homem é um projetar-se no grande palco do mundo, numa argumentação permanente e dialogada com os outros homens.

O sociólogo francês Michel Wieviorka (1946), por sua vez, nos ensina o seguinte, na obra *Em que mundo vivemos*, sobre esse aspecto enigmático da nossa condição:

O sujeito não é, no entanto, um elétron livre, cuja trajetória pessoal escaparia de toda obrigação, a toda norma, a toda relação com outros que não as de sua escolha. Só existe na capacidade de viver relações. (WIEVIORKA, 2006, p.203)

O homem não existe no mundo sem a necessária relação com outros homens; relação que exige, para sua efetiva autenticidade, o reconhecimento da alteridade. É nesse contexto do *projetar-se*, inerente ao homem como *ser-no-mundo*, que situamos o enraizamento como uma questão vital.

O homem enraizado é aquele que realiza o âmago de sua condição: *a capacidade de viver relações*. O homem enraizado é sujeito histórico, porque é capaz de produzir, a partir das relações de reconhecimento que estabelece com outros homens, sua existência e a do grupo social que integra.

O enraizamento é o *a priori* do projetar-se, sem o qual o homem é incapaz de constituir-se sujeito de sua própria narrativa. Logo, desenraizar-se é deixar de *ser-no-mundo* para estar simplesmente à deriva nele, como algo supérfluo, redundante em sua demasia. É descaracterizar o homem de sua posição de singularidade, para reduzi-lo a *mera coisa*. A noção de enraizamento é fundamental para uma concepção ampliada de segurança.

Chamamos ordem, entre outras definições possíveis, à *disposição conveniente dos meios que nos assegurem a realização dos fins que almejamos*⁴. A ordem é captada pela razão, a partir de um meio onde as coisas estejam dispostas de modo a reduzir as incertezas, ampliando a possibilidade de

3

Na medida em que *ser-no-mundo* implica relação com outros homens, o termo dramático se justifica no sentido do drama como série de acontecimentos que os homens fazem ou sofrem.

4

Uma das definições possíveis que se pode encontrar no Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, na sua 3ª edição, no verbete correspondente.

previsão dos acontecimentos. Toda obsessão humana pela ideia de ordem advém dessa necessidade intrínseca de mitigar racionalmente as incertezas próprias da fragilidade de nossa condição, afastando o medo, esse *gigante negro da alma*, como o denominou Mira y Lopes (1896-1964), em *Quatro gigantes da alma*.

Segurança, numa análise abrangente do termo, quer dizer *não estar instalado no medo; na expectativa de experimentar aquilo que não temos a possibilidade de prever e, portanto, controlar*.

Nisso reside o núcleo duro de toda *projeção* e o propósito maior da civilização. Civilizar é, em última análise, um esforço coletivo para reduzir o sofrimento causado pela contingência, seja diante das implicações da finitude, dos perigos do mundo ou da desconfiança em relação ao Outro.

O processo histórico de constituição da brasilidade, tal como denunciado por Euclides da Cunha, não cumpriu esse mister. Encontramos a presença dessa engrenagem do medo, acionada pela exclusão do processo de enraizamento, na narrativa de *Os Sertões*. Euclides relata acerca do arraial que

Canudos tinha muito apropriadamente, em roda, uma cercadura de montanhas. Era um parêntese; era um hiato. Era um vácuo. Não existia. Transposto aquele cordão de serras, ninguém mais pecava. (CUNHA, 2004, p. 735)

Um cotejo entre essas premissas e estaremos em condições de entender o sertão euclydiano como o *não-lugar das subjetividades*⁵; um espaço fora da história, onde o *homem-sujeito* não encontrava solo adequado para deitar raízes e produzir sentido para sua própria existência. Canudos era o deserto das subjetividades sem poder de expressão.

Nesse cenário de desolação, o sertanejo que *é antes de tudo um forte*, na célebre imagem euclydiana, é também um *desenraizado*: uma subjetividade destituída de intensidade vital.

Zygmunt Bauman (1925) cunhou um termo muito adequado para essa experiência de abandono, que se aplica bem à situação dos conselheiristas: *vidas desperdiçadas*. Para Bauman, o conceito de vidas desperdiçadas está associado à *redundância*, onde

Ser redundante significa ser extranumerário, desnecessário, sem uso – quaisquer que sejam os usos e necessidades responsáveis pelo estabelecimento dos padrões de utilidade e de indispensabilidade. Os outros não necessitam de você. Não há uma razão auto-evidente para você existir nem qualquer justificativa óbvia para que você reivindique o direito à existência. (BAUMAN, 2004, p.20)

Os conselheiristas foram massacrados, porque etiquetados como “redundantes”, sob o ponto de vista do projeto nacional estabelecido pelas elites republicanas, cuja ideia de ordem – que compreende enraizamento numa perspectiva existencial e cidadania no plano político – nunca alcançou os limites daquele arraial, a não ser para varrê-lo a canhonadas.

5
Trabalhamos com a ideia de subjetividade de Hegel para situar o conteúdo dos interesses e das metas do indivíduo nesse espaço.

Ascendamos, de chofre, arrebatados na caudal dos ideais modernos, deixando na penumbra em que jazem, no âmago do país, um terço da nossa gente. Iludidos por uma civilização de empréstimo; respigando, em faina cega de copistas, tudo que de melhor existe nos códigos orgânicos de outras nações, tornamos, revolucionariamente, fugindo ao transigir mais ligeiro com as exigências da nossa própria nacionalidade, mais fundo o contraste entre o nosso modo de viver e o daqueles rudes patrícios mais estrangeiros nesta terra do que os imigrantes da Europa. Porque não no-lo separa um mar, separam-no-los três séculos. (CUNHA, 2004, p. 317)

A atualidade de *Os Sertões* está nessa capacidade de crítica à *modernização global autoritária*, baseada na exclusão e que esmaga o diferente e o incompreensível.

Ao registrar a degola praticada com despudor pelas forças da ordem, Euclides diz que:

O atentado era público. Conhecia-o, em Monte Santo, o principal representante do governo, e silenciara. Coonestara-o com a indiferença culposa. Desse modo a consciência da impunidade, do mesmo passo fortalecida pelo anonimato da culpa e pela cumplicidade tácita dos únicos que podiam reprimi-la, amalgamou-se a todos os rancores acumulados, e arrojou, armada até aos dentes, em cima da mísera sociedade sertaneja, a multidão criminosa e paga para matar. (CUNHA, 2004, p.735)

Ao negarmos subjetividade ao Outro, ao inviabilizarmos seu acesso às condições materiais e espirituais de inserção como atores na vida social, negamos sua humanidade, porque reduzimos o horizonte de sua realização existencial e, como disse Ernest Bloch (1885-1977), o que caracteriza o homem não é tanto o fato de ser uma criatura do pensamento, *mas uma criatura com esperança*.

Nessa imoralidade original firma-se a raiz de toda violência.

Wieviorka nos ensina que:

[...] A violência exprime uma subjetividade sem saída, a incapacidade de ter projetos, agir de maneira criadora e produzir sua existência; ela vem ressaltar o abismo que separa as instituições daqueles a quem elas deveriam fornecer as chances e os meios de se construírem. (WIEVIORKA, 2006, p. 205)

E mais: a violência não atinge apenas a humanidade da vítima, mas também desumaniza o vitimador, consequência inevitável da condição de *ser-no-mundo (ser-com)*. Nas palavras de Wieviorka:

[...] A crueldade, que tem necessidade da impunidade ou do sentimento de impunidade para desenvolver-se, informa-nos certamente sobre a parte de subjetividade que se inverte numa certa prática da violência e constitui, por vezes, uma maneira ou um mecanismo paradoxal de poder-se suportar a si mesmo. (WIEVIORKA, 2006, p. 213)

Essa situação de incerteza diante das condições efetivas de realização das potencialidades humanas, que Euclides da Cunha denuncia em *Os Sertões*, não é muito diferente daquela que observamos, hodiernamente, nos grandes centros urbanos.

O morro da favela era um acidente geográfico situado ao sul do arraial, a partir do qual as forças republicanas lançaram seu derradeiro assalto; passou a designar, de um modo geral, os imensos *guetos urbanos* que proliferam, vertiginosamente, na fase atual da modernidade, frutos da nossa incapacidade de mudar as determinações estruturais de uma ordem social estabelecida, que produz e reproduz a exclusão.

Canudos foi dizimada por essa mesma lógica de desconsideração da subjetividade do Outro, que nos permite, hoje, condenar milhões de infelizes a essa *vida líquida*⁶ da qual nos fala Bauman:

A vida líquida é uma sucessão de reinícios, e precisamente por isso é que os finais rápidos e indolores, sem os quais reiniciar seria inimaginável, tendem a ser os momentos mais desafiadores e as dores de cabeça mais inquietantes. Entre as artes da vida líquido-moderna e as habilidades necessárias para praticá-las, livrar-se das coisas tem prioridade sobre adquiri-las. (BAUMAN, 2005, p. 8)

A sociedade líquido-moderna caracteriza-se pela espantosa capacidade de produzir *refugo*, inclusive humano; gente que está fora da lógica de reprodução metabólica do capital e condenada a continuar fora, e que por isso pode ser *desperdiçada*, sem causar qualquer transtorno ao funcionamento do sistema.

Nesse sentido, a obra maior de Euclides da Cunha pode ser considerada uma crítica *avant la lettre* da globalização.

Considerações finais

Os Sertões constitui uma reflexão profunda sobre o significado da brasilidade; uma tentativa de responder à inquietante pergunta: quem somos nós, os brasileiros?

Obra de pensamento sobre a nossa formação social, vazada em estilo que amalgama ciência e literatura, a composição de *Os Sertões* retrata de modo admirável toda atmosfera intelectual que caracterizou o tempo de Euclides da Cunha.

Em que pese isso, o impacto dessa obra na mentalidade nacional deve-se antes ao profundo mal-estar que causou a denúncia da barbárie cometida pelas forças republicanas, em nome da ordem, do que propriamente às suas filiações teóricas e literárias.

A Guerra de Canudos foi, no dizer de Euclides, um ataque à “rocha viva da nossa nacionalidade”, um evento trágico da civilização brasileira que temos insistido em repetir. Nunca se soube, com exatidão, quantos morreram no arraial. Fala-se em 26.000 almas. Chegou-se a esse número, porém, por conta da quantidade de casas inventariadas, ao término da guerra, quando, de acordo com o texto de Euclides, foram contadas 5.200 vivendas.

6

Por vida líquida, Zygmunt Bauman entende aquela vida precária, vivida em condições de incerteza com relação ao futuro; uma vida que situamos neste texto como aquela instalada no medo permanente de viver.

Ora, segundo dados da 1ª Conferência Nacional de Segurança Pública⁷, morrem no Brasil, anualmente, 48.000 pessoas vítimas da violência, o que significa dizer que, de algum modo, aquela ignomínia não acabou.

Darcy Ribeiro dizia que o Brasil era um moinho de gastar gente. Dizia isso por conta do número impressionante de homens e mulheres que trituramos, ao longo da história, no processo fantástico de construção da nossa nacionalidade. Canudos foi um desses momentos.

Acreditamos que uma leitura de *Os Sertões* estimule uma reflexão sobre a violência a partir de uma ideia ampliada de segurança, que alcance não apenas o sentido de uma inviolabilidade física e patrimonial dos cidadãos, mas também – e principalmente – uma obrigação de assegurar condições materiais e espirituais para que a vida de uma comunidade humana tenha sentido.

Acreditamos, ainda, que, ao trazer essa abordagem para o debate contemporâneo sobre a violência, poderemos contribuir para uma crítica substancial da ordem social estabelecida, bem como de nossas instituições.

A leitura de *Os Sertões* permite vislumbrar a violência como fruto da insensibilidade diante da responsabilidade fundamental que temos com relação ao Outro, pelo fato inescapável de nossa condição de *ser-no-mundo*. Por isso sua leitura deve ser estimulada. A leitura desse livro-monumento aumenta nosso desejo de transformar essa imensa *sociedade de mercadorias*⁸ num lugar decente, o que somente é possível se for assumido como um projeto de todos e para todos.

Isso significa, por um lado, romper com a lógica do individualismo possessivo, marca da modernidade, caracterizado pela autocentralidade, para adotar o paradigma do sujeito histórico, fundado na responsabilidade pelo mundo. Por outro lado, significa um movimento para o Outro: *a descoberta da alteridade como sentido mais profundo da ética*.

O urbanista norte-americano Mike Davis, em *Planeta de favelas*, nos alerta para o fato de que:

Em 1950, havia 86 cidades no mundo com mais de um milhão de habitantes; hoje são 400 e, em 2015, serão pelo menos 550. Na verdade as cidades absorveram quase dois terços da explosão populacional global desde 1950 e crescem hoje no ritmo de um milhão de bebês e migrantes por semana. A população urbana atual (3,2 milhões de pessoas) é maior que a população total do planeta em 1960. Enquanto isso, no mundo todo, o campo chegou a sua população máxima (3,2 bilhões de pessoas) e começará a encolher a partir de 2020. Como resultado, as cidades serão responsáveis por todo o crescimento populacional futuro da Terra – espera-se que seu ponto máximo, cerca de 10 bilhões, seja atingido em 2050. (DAVIS, 2006, p. 191)

O mundo caminha para se tornar uma prodigiosa Canudos.

Euclides da Cunha anteviu essa possibilidade em passagem quase profética de *Os Sertões*:

7

A 1ª Conferência Nacional de Segurança Pública (CONSEG) ocorreu em Brasília entre os dias 27 e 30 de agosto do corrente ano e pretendeu discutir princípios e diretrizes para uma política nacional de segurança pública para o Brasil.

8

O termo é de István Mészáros.

[...] A correria do sertão entrava arrebatadamente pela civilização adentro. E a guerra de Canudos era, por bem dizer, sintomática apenas. O mal era maior. Não se confinara num recanto da Bahia. Alastrara-se. Rompia nas capitais do litoral. (CUNHA, 2004, p.501)

É forçoso dizer, para concluir este trabalho: ou mudamos a lógica de reprodução da ordem social, a partir da transformação de nossa consciência moral, ou muito em breve nosso mundo será um *Grande Sertão: sem Veredas*.

Referências Bibliográficas

BAUMAN, Zygmunt. **Vidas desperdiçadas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

_____. **Vida líquida**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. 1ª edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. Tradução Diogo Mainardi. 2ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

_____. **Por que ler os clássicos**. Tradução de Nilson Molin. 6ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. 4ª edição. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.

DAVIS, Mike. **Planeta de favelas**. Tradução de Emir Sader. 1ª edição. São Paulo: Boitempo, 2006.

WIEVIORKA, Michel. **Em que mundo vivemos**. Tradução de Eva Luanda e Fábio Luanda. 1ª edição. São Paulo: Editora Perspectiva, 2006.